

REVISTA

DIÁLOGO EDUCACIONAL

periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional


PUCPRESS

Pedagogia Histórico-Crítica e Formação Docente na Educação Profissional: olhares discentes em tempos de neoliberalismo

Historical-Critical Pedagogy and Teacher Education in Vocational Education: students' perspectives in times of neoliberalism

Pedagogía Histórico-Crítica y Formación Docente en la Educación Profesional: miradas estudiantiles en tiempos de neoliberalismo

Maria Adélia da Costa ^[a] 
Belo Horizonte, MG, Brasil
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG)

Wilson Antonio da Silva ^[b] 
Petrolina, PE, Brasil
Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

Como citar: COSTA, M. A. da; da SILVA, W. A. Pedagogia Histórico-Crítica e Formação Docente na Educação Profissional: olhares discentes em tempos de neoliberalismo. *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, PUCPRESS, v. 26, n. 88, p. 131-143, jan./mar. 2026. <https://doi.org/10.7213/1981-416X.26.088.DS06>

^[a] Doutora em Educação, e-mail: adelia.cefetmg@gmail.com

^[b] Mestre em Ensino de Ciências, e-mail: wilson.antonio@upe.br

Resumo

Este artigo analisa as percepções dos estudantes da Educação Profissional e Tecnológica acerca das práticas didático-pedagógicas desenvolvidas pelos docentes, buscando identificar em que medida essas práticas dialogam com os pressupostos da Pedagogia Histórico-Crítica (PHC) e com o ideal de formação humana integral. Fundamenta-se no materialismo histórico-dialético e adota abordagem qualitativa, com grupos focais e questionários aplicados em 2015 e replicados em 2025. Os resultados evidenciam a persistência de contradições estruturais na docência da EPT, marcadas pela dissociação entre saber técnico e saber pedagógico. As falas discentes revelam tanto práticas alienadas quanto experiências mediadoras e humanizadoras, apontando a centralidade da formação pedagógica como ato político e social. Conclui-se que a PHC permanece um referencial contra-hegemônico essencial para orientar a formação docente e fortalecer a escola pública como espaço de resistência e emancipação.

Palavras-chave: Pedagogia Histórico-Crítica. Formação docente. Educação Profissional. Materialismo histórico-dialético. Neoliberalismo.

Abstract

This article analyzes the perceptions of students enrolled in Technical and Technological Education regarding the teaching practices developed by their instructors, seeking to identify the extent to which these practices align with the principles of Historical-Critical Pedagogy (HCP) and the ideal of integral human formation. Grounded in historical-dialectical materialism, the study adopts a qualitative approach, using focus groups and questionnaires conducted in 2015 and replicated in 2025. The results reveal the persistence of structural contradictions in vocational teaching, marked by the dissociation between technical and pedagogical knowledge. Students' statements expose both alienated practices and mediating, humanizing experiences, highlighting the centrality of pedagogical training as a political and social act. It is concluded that Historical-Critical Pedagogy remains an essential counter-hegemonic framework for guiding teacher education and strengthening public schools as spaces of resistance and emancipation.

Keywords: Historical-Critical Pedagogy. Teacher Education. Vocational Education. Historical-Dialectical Materialism. Neoliberalism.

Resumen

Este artículo analiza las percepciones de los estudiantes de la Educación Profesional y Tecnológica acerca de las prácticas didáctico-pedagógicas desarrolladas por sus docentes, con el objetivo de identificar en qué medida dichas prácticas se articulan con los principios de la Pedagogía Histórico-Crítica (PHC) y con el ideal de formación humana integral. Fundamentado en el materialismo histórico-dialéctico, el estudio adopta un enfoque cualitativo, utilizando grupos focales y cuestionarios aplicados en 2015 y replicados en 2025. Los resultados evidencian la persistencia de contradicciones estructurales en la docencia de la educación profesional, caracterizadas por la disociación entre el saber técnico y el saber pedagógico. Las declaraciones de los estudiantes revelan tanto prácticas alienadas como experiencias mediadoras y humanizadoras, destacando la centralidad de la formación pedagógica como un acto político y social. Se concluye que la Pedagogía Histórico-Crítica sigue siendo un marco contrahegemónico esencial para orientar la formación docente y fortalecer la escuela pública como espacio de resistencia y emancipación.

Palabras clave: Pedagogía Histórico-Crítica. Formación Docente. Educación Profesional. Materialismo Histórico-Dialéctico. Neoliberalismo.

1. Introdução

Em 2025, o Brasil completou quarenta anos do processo de redemocratização que se seguiu ao fim da ditadura civil-militar (1964–1985). Esse período foi marcado por intensas disputas políticas e educacionais, nas quais se contrapuseram, de um lado, as lutas de educadores e estudantes pela democratização da escola pública e, de outro, a expansão das políticas neoliberais, que fragmentaram o trabalho docente e mercantilizaram a educação (Frigotto, 2010; Duarte, 2011).

Nesse contexto de avanços e retrocessos, a Pedagogia Histórico-Crítica (PHC), formulada por Saviani (2005; 2013), consolidou-se como um referencial teórico e político de resistência. Ao propor uma educação comprometida com a emancipação humana e com a superação das desigualdades produzidas pelo modo de produção capitalista, Saviani (2005; 2013) concebe a educação como prática social mediadora, orientada à apropriação crítica do saber historicamente produzido pela humanidade. A escola, nesse horizonte, constitui-se como espaço de socialização do conhecimento e de formação da consciência, e não como mero instrumento de adaptação às exigências do mercado (Saviani, 2013).

Essa concepção assume especial relevância na Educação Profissional e Tecnológica (EPT), modalidade historicamente tensionada entre a formação para o trabalho e a formação humana integral. Como observa Frigotto (2017), a estrutura dual da educação brasileira, ao separar o ensino técnico do ensino propedêutico, reforça a lógica do capital e reproduz desigualdades sociais, sobretudo entre os jovens trabalhadores. A Pedagogia Histórico-Crítica (PHC), ao contrário, propõe romper com essa dualidade ao compreender o trabalho como princípio educativo e a prática social como ponto de partida e de chegada do processo formativo. Essa perspectiva se opõe às pedagogias tecnicistas e às reformas orientadas pela lógica das competências e do desempenho individual (Duarte, 2004).

A partir da década de 1990, com a consolidação do ideário neoliberal no Brasil, a educação passou a ser reconfigurada segundo princípios de eficiência, competitividade e responsabilização individual. Esse processo implicou a redução do papel do Estado, a fragmentação curricular e a valorização de competências instrumentais, em detrimento da formação crítica (Harvey, 2008; Gentili, 1998). No campo da EPT, as reformas neoliberais acentuaram a dualidade histórica entre formação técnica e formação humanística, subordinando o trabalho docente às demandas produtivistas e empresariais. Como alertam Dardot e Laval (2016), a racionalidade neoliberal transforma a educação em mercadoria e redefine o professor como gestor de resultados e o aluno como empreendedor de si mesmo.

Compreender as práticas didático-pedagógicas na EPT, portanto, implica problematizar como os docentes, formados ou não para a docência, traduzem os princípios da Pedagogia Histórico-Crítica em sua ação educativa. As percepções discentes constituem, nesse sentido, uma via privilegiada de análise para identificar se o trabalho pedagógico efetivamente contribui para a formação crítica e omnilateral dos estudantes ou se, ao contrário, reforça a lógica utilitarista e produtivista que tem caracterizado o ensino técnico nas últimas décadas.

Dessa forma, este artigo tem como objetivo analisar as percepções dos estudantes da Educação Profissional acerca das práticas didático-pedagógicas desenvolvidas pelos docentes, buscando identificar em que medida essas práticas dialogam com os pressupostos da Pedagogia Histórico-Crítica e com o ideal de formação humana integral. Parte-se do entendimento de que a escola, enquanto mediação entre teoria e prática social, constitui-se como locus de resistência às tendências neoliberais e neoconservadoras que despolitizam o ato educativo e fragilizam o trabalho docente.

Ao reafirmar a atualidade da PHC, este estudo pretende contribuir para o debate sobre os desafios contemporâneos da EPT e para a consolidação de uma educação pública, democrática e socialmente referenciada. A prática educativa, nesse horizonte, visa possibilitar que o estudante compreenda o saber historicamente produzido, superando a fragmentação do conhecimento e aproximando-o das condições concretas da vida social. Como afirma Saviani (2005, p. 7), “[...] o homem não se faz homem naturalmente; ele não nasce sabendo ser homem [...]. Para saber pensar e agir; para saber querer, agir ou avaliar, é preciso aprender, o que implica o trabalho educativo.”

2. A Pedagogia Histórico-Crítica como fundamento contra-hegemônico na educação

A história recente do Brasil é marcada por ciclos de ruptura democrática e de resistência popular. Para assegurar a manutenção da ordem econômica e social, as classes dominantes, em diferentes momentos, romperam as próprias leis que juraram respeitar, ora por meio de ações autoritárias, como o golpe de 1964, ora por mecanismos jurídicos legitimadores de rupturas políticas, como o impeachment de 2016 (Gomes; Paula; Rodrigues, 2023).

É nesse cenário de avanços e retrocessos democráticos que emergem, a partir da década de 1980, movimentos educacionais comprometidos com a reconstrução do país sob bases críticas e emancipatórias. Entre eles, destaca-se a Pedagogia Histórico-Crítica (PHC) como teoria pedagógica e política de resistência às pedagogias liberais e tecnicistas. Fundamentada no materialismo histórico-dialético, a PHC compreende a educação como prática social inserida nas contradições do modo de produção capitalista, reafirmando o conhecimento como instrumento de libertação e não de adaptação às demandas do capital.

Essa perspectiva adquire especial relevância no campo da Educação Profissional e Tecnológica (EPT), cuja trajetória expressa, conforme observam Costa e Coutinho (2018, p. 1634), “uma subordinação histórica às políticas capitalistas”. Tal condição torna urgente a retomada de abordagens contra-hegemônicas que reafirmem o direito ao saber sistematizado como princípio emancipador. Nessa direção, a concepção de educação como prática social mediadora aproxima o pensamento de Saviani (2005; 2013), no campo da pedagogia, ao de Vigotski (1999), no campo da psicologia, em que partilham uma mesma matriz dialético-materialista, ainda que operem em níveis teóricos distintos.

Para Vigotski (1999), o desenvolvimento humano ocorre nas relações sociais mediadas pela linguagem e pela cultura, sendo a aprendizagem o motor das funções psíquicas superiores. Saviani (2005) transpõe esse princípio ao campo pedagógico e político, compreendendo a escola como espaço de apropriação crítica do saber e de formação da consciência. Em ambos, o professor é mediador ativo entre teoria e prática, entre conhecimento e realidade social, em Vigotski (1995; 1999), pela mediação simbólica; em Saviani (2005), pela socialização intencional do conhecimento científico e filosófico.

Essas concepções convergem com a ontologia marxista do ser social, segundo a qual o homem se constitui nas relações sociais mediadas pelo trabalho, transformando a natureza e a si mesmo. Saviani (2005) traduz essa ontologia para o campo educativo: o ser humano não nasce humano, torna-se humano pelo trabalho educativo, pela apropriação da cultura historicamente produzida. Assim, o conhecimento é mediação ativa entre o sujeito e o mundo, e o ensino é o processo pelo qual o estudante internaliza criticamente o saber elaborado, superando a alienação e compreendendo a realidade em sua totalidade.

A partir dessa base comum, a PHC integra os aportes da psicologia histórico-cultural para formular uma pedagogia dialética, na qual o trabalho educativo é simultaneamente ato de conhecimento e ato político. Essa articulação reforça a centralidade da escola pública na formação humana integral e na consolidação de um projeto democrático de sociedade, especialmente no marco dos quarenta anos de redemocratização brasileira.

A Educação Profissional e Tecnológica explicita de modo emblemático as contradições entre o projeto emancipador da PHC e o projeto funcionalista das reformas neoliberais. Estruturada sob a lógica da dualidade educacional, a EPT historicamente destinou à classe trabalhadora uma formação técnica e utilitária, enquanto reservou às elites o acesso à cultura intelectual (Frigotto; Ciavatta; Ramos, 2005). Como destacam Costa e Coutinho (2018, p. 1635), “o ensino técnico no Brasil tem sua gênese sob bases ideológicas discriminatórias e elitistas”, voltadas à qualificação de mão de obra barata, sem compromisso com a formação integral, crítica que converge com Saviani e Frigotto (2010b) ao denunciar o reducionismo tecnicista.

A PHC se contrapõe frontalmente à racionalidade neoliberal, que transforma a educação em mercadoria e redefine o professor como gestor de resultados e o aluno como empreendedor de si mesmo (Dardot; Laval, 2016).

Enquanto o neoliberalismo reduz o conhecimento a capital humano e submete a escola à lógica da produtividade, a PHC reafirma o caráter social e emancipador da educação, compreendendo o ensino como mediação crítica entre o saber elaborado e a prática social. Nesse sentido, a formação docente na EPT constitui campo de disputa e resistência política, uma vez que cada ato pedagógico pode reafirmar ou tensionar o projeto hegemônico de sociedade.

Ao retomar o conceito de trabalho como princípio educativo, a PHC amplia a compreensão da educação profissional para além da lógica da empregabilidade. Conforme Saviani (2013, p. 112), o trabalho, ao transformar a natureza e produzir cultura, constitui o fundamento da formação humana. A educação, portanto, deve possibilitar ao trabalhador compreender criticamente os processos produtivos e reconhecer-se como sujeito histórico. Essa perspectiva se contrapõe às políticas produtivistas e gerenciais que, segundo Costa e Coutinho (2018, p. 1639), submeteram a EPT às forças do mercado, esvaziando o papel formativo do Estado e restringindo a função social da escola.

Como destacam Frigotto (2010b) e Ciavatta (2014), essa ofensiva neoliberal consolidou um modelo de educação orientado pela eficiência e pela flexibilização, em detrimento da formação crítica e integral. A crítica de Costa e Coutinho (2018) à Lei n. 13.415/2017, que reformou o ensino médio, evidencia a permanência dessa disputa: a fragmentação curricular e a substituição do professor pelo técnico reafirmam a dualidade denunciada pela PHC. Essa reforma materializa um projeto que não é novo, mas que se acentuou nas últimas décadas: a omissão do Estado no provimento de recursos para a educação pública e o esvaziamento dos conteúdos historicamente produzidos pela humanidade (Gomes; Paula; Rodrigues, 2023).

Em contraposição, a PHC propõe uma formação politécnica e omnilateral, em que trabalho, ciência, tecnologia e cultura constituem dimensões indissociáveis do processo educativo (Costa; Coutinho, 2018). Tal princípio expressa o horizonte emancipador da pedagogia histórico-crítica: formar sujeitos capazes de compreender, intervir e transformar a realidade. Como sintetizam Costa e Coutinho (2018, p. 1646), “defender uma educação profissional politécnica, pública, gratuita e única” é um dever ético e político dos educadores comprometidos com a democracia.

Quatro décadas após a redemocratização, reafirma-se, portanto, a atualidade da Pedagogia Histórico-Crítica como projeto teórico e prático de superação da dualidade educacional e de reconstrução da escola pública como espaço de emancipação humana, um horizonte de resistência e esperança diante da hegemonia neoliberal.

2.1. A Formação Docente na EPT e o Desafio da Mediação Pedagógica

A interlocução entre a Pedagogia Histórico-Crítica (PHC) e a formação docente parte do pressuposto de que os profissionais sem formação pedagógica tendem a enfrentar maiores dificuldades em compreender e valorizar o contexto social e histórico dos alunos como ponto de partida do processo educativo. Tal condição decorre, em grande medida, do fato de que, em suas trajetórias formativas, muitos desses profissionais, engenheiros, químicos, arquitetos, enfermeiros, advogados, entre outros, não tiveram acesso sistemático às discussões teóricas e epistemológicas que fundamentam o trabalho docente. Nessas circunstâncias, o exercício da docência tende a se constituir sem a apropriação crítica dos saberes pedagógicos, o que pode resultar em práticas centradas predominantemente na transmissão de conteúdos técnicos, em detrimento de uma mediação pedagógica comprometida com a formação humana integral.

Gauthier *et al.* (2006) lembram que o que caracteriza o professor é o domínio não apenas da matéria, mas de sua estrutura, de sua construção histórica e dos modos pelos quais ela pode ser ensinada, o que o distingue do especialista técnico que apenas domina o conteúdo. A docência, portanto, constitui uma profissão com saberes próprios, articulados à didática, à epistemologia e à ética, e não mera extensão das competências de outra área profissional. Nessa direção, Tardif (2004) observa que o trabalho docente não se limita à reprodução de conhecimentos, mas implica uma relação reflexiva e criadora com os saberes, os quais são (re)construídos no movimento da prática.

Sob a perspectiva do materialismo histórico-dialético, essa questão adquire uma dimensão mais profunda: a prática docente é compreendida como expressão das contradições entre trabalho manual e trabalho intelectual. Conforme Saviani (2005, p. 14), “a escola é uma instituição cujo papel consiste na socialização do saber sistematizado”, o que exige do professor a mediação entre o conhecimento científico e a prática social. Assim, dominar o conteúdo não é suficiente; é preciso compreender o seu papel histórico na formação humana e desenvolver a capacidade de transformá-lo em instrumento de emancipação.

Freire (1996) reforça que ensinar exige reflexão crítica sobre a prática, de modo a evitar que a teoria se torne um discurso vazio e a prática um mero ativismo. Nesse mesmo sentido, Sacristán e Gómez (2000) afirmam que a docência, quando desprovida de fundamentação teórica e de compromisso ético, converte-se em simples reprodução de hábitos e respostas às demandas externas. O professor, antes de ser um técnico eficiente, deve ser um sujeito histórico capaz de fundamentar sua prática em valores e ideias que orientem suas escolhas e projetem suas consequências sociais.

Nessa perspectiva, a PHC oferece um horizonte de superação dessa fragmentação, pois compreende o trabalho docente como prática social mediadora, vinculada à produção e à socialização do saber científico, histórico e cultural. A formação docente, portanto, deve ir além da licenciatura formal, exigindo consciência crítica, domínio teórico e intencionalidade política. É essa articulação entre teoria e prática, entre o singular da ação pedagógica e o universal da realidade social, que possibilita transformar a educação profissional em um espaço de emancipação, e não de adaptação às demandas do capital.

3. Percursos metodológicos sob a perspectiva histórico-dialética

Adota-se, neste estudo, uma abordagem qualitativa, compreendida como um processo interpretativo no qual o pesquisador participa ativamente da construção dos significados, articulando as evidências empíricas ao referencial teórico adotado (Lüdke; André, 1986). A pesquisa é orientada por um referencial histórico-crítico em diálogo com o materialismo histórico-dialético, compreendido não como método técnico de investigação, mas como matriz teórico-interpretativa para a leitura dos dados empíricos. Tal referencial concebe a realidade social como um processo dinâmico, contraditório e historicamente determinado, permitindo compreender os fenômenos educacionais em sua totalidade, a partir das mediações entre as práticas pedagógicas e as condições históricas, políticas e institucionais que as produzem (Frigotto, 2010; Saviani, 2005; 2013).

No campo da educação, essa perspectiva possibilita ultrapassar leituras imediatas e descritivas da realidade escolar, interpretando as práticas docentes como expressões socialmente situadas. Conforme Frigotto (2010, p. 84), a perspectiva dialética vincula-se a uma concepção de totalidade e historicidade, na qual “a postura antecede o método”, compreendendo o conhecimento como mediação capaz de revelar o movimento real da sociedade. Nesse sentido, a investigação partiu da prática social concreta, neste estudo, as percepções discentes sobre o trabalho docente na Educação Profissional e Tecnológica (EPT), buscando explicitar as contradições e determinações históricas que configuram essa prática.

A leitura histórico-crítica dos dados também se ancora na compreensão marxiana de que, no capitalismo, as relações sociais tendem a assumir formas fetichizadas, ocultando os vínculos concretos entre os sujeitos e o trabalho socialmente produzido. Como assinala Marx (1983, p. 363), trata-se de “uma relação social que reveste a forma fantástica de relação entre coisas [...]”. Os trabalhos privados só se manifestam como divisões do trabalho social pelas relações que a troca estabelece entre os produtos do trabalho e, indiretamente, entre os produtores”. Esse excerto contribui para compreender como determinadas práticas pedagógicas, quando reduzidas à dimensão técnica, tendem a obscurecer as relações sociais e históricas que atravessam o trabalho docente na EPT.

No âmbito da Pedagogia Histórico-Crítica (PHC), o conhecimento é compreendido como construção social e histórica, e não como simples registro de fatos observáveis. Assim, a pesquisa ultrapassou a mera descrição dos dados,

buscando interpretar o fenômeno educativo em suas contradições, por meio da articulação entre o singular (as falas e experiências concretas dos estudantes), o particular (as condições institucionais e formativas da EPT) e o universal (as determinações estruturais que incidem sobre a educação no capitalismo contemporâneo).

A interpretação dos dados empíricos também dialoga com a perspectiva dialética proposta por Kosík (1976), para quem captar um fenômeno implica ultrapassar sua aparência imediata, compreendendo simultaneamente o modo como a coisa se manifesta e como se oculta nessa manifestação. No trato prático-utilitário com a realidade, o indivíduo em situação constrói representações que apreendem o aspecto fenomênico do real, ocultando suas determinações mais profundas. Essa compreensão orientou a análise de conteúdo das narrativas discentes, permitindo apreender as percepções expressas não como opiniões isoladas, mas como formas fenomênicas por meio das quais se revelam, e simultaneamente se ocultam as contradições sociais, históricas e institucionais que atravessam o trabalho docente na Educação Profissional e Tecnológica.

O estudo foi realizado em 2015 e replicado em 2025 em uma instituição da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, envolvendo estudantes de cursos técnicos integrados ao ensino médio. Os participantes da pesquisa foram selecionados de forma intencional, a partir dos critérios de líderes de turma e integrantes do grêmio estudantil, bem como da disponibilidade para participação voluntária.

A articulação entre os dados produzidos em 2015 e aqueles obtidos na replicação realizada em 2025 foi conduzida a partir de uma leitura dialética e, portanto, não se restringiu a uma comparação cronológica. Buscou-se apreender permanências, tensões e reconfigurações das contradições históricas que atravessam a docência na EPT, compreendendo os conjuntos empíricos como expressões distintas de um mesmo processo social. Nesse movimento, as práticas pedagógicas foram analisadas à luz das formas pelas quais, em contextos históricos diferenciados, se reproduzem e se tensionam a dissociação entre formação técnica e formação humana integral.

Foram realizados dois encontros com 24 estudantes, organizados em dois grupos focais de 12 participantes, matriculados nos cursos técnicos investigados. As sessões, conduzidas em formato de roda de conversa, favoreceram um ambiente de diálogo e confiança, possibilitando a expressão das percepções discentes sobre o trabalho docente e as práticas pedagógicas vivenciadas. Após os grupos focais, aplicou-se um questionário diagnóstico voltado a um universo ampliado de estudantes. Em 2015, o instrumento foi respondido por 128 alunos de quatro turmas das 2^{as} e 3^{as} séries dos cursos técnicos investigados; em 2025, o mesmo questionário foi reaplicado, obtendo respostas de 94 alunos, distribuídos em três turmas equivalentes. Antes da aplicação, os estudantes foram informados sobre os objetivos da pesquisa e convidados a participar de forma voluntária e consentida. O questionário teve caráter abrangente e avaliativo, permitindo aos discentes expressar suas percepções sobre:

- (a) a prática pedagógica dos docentes;
- (b) os serviços de apoio e infraestrutura;
- (c) a coordenação do curso; e
- (d) os aspectos acadêmico-formativos.

Também foi incluída uma seção de autoavaliação, na qual os estudantes refletiram sobre sua própria trajetória formativa. No tratamento dos dados, a análise privilegiou as questões referentes à prática docente e à relação professor vs. aluno, por representarem o núcleo da mediação pedagógica e permitirem apreender o movimento dialético entre ensino e aprendizagem. Para delinear o perfil docente, realizou-se uma pesquisa documental nos sítios institucionais dos departamentos de lotação dos professores, observando-se a formação de origem, a titulação e o vínculo institucional, sendo todos os docentes de quadro efetivo e com dedicação exclusiva.

A análise dos dados seguiu os princípios do materialismo histórico-dialético, buscando compreender o fenômeno educativo em três níveis inter-relacionados, singular, particular e universal. Essa abordagem permitiu

interpretar as percepções discentes como expressões concretas das contradições estruturais da EPT, revelando as mediações entre a formação docente, as condições institucionais e as determinações históricas do trabalho educativo.

As falas provenientes dos grupos focais foram organizadas em três blocos analíticos: (a) docentes não licenciados ou sem formação pedagógica; (b) docentes licenciados; e (c) percepções comuns a ambos os grupos, quando não havia distinção explícita de formação. A análise das narrativas dos estudantes, obtidas nos grupos focais e nos questionários, permitiu identificar diferentes percepções sobre o trabalho docente na Educação Profissional e Tecnológica. A sistematização dos dados no Quadro 1 possibilita visualizar, de maneira sintética, as principais manifestações discentes e suas interpretações à luz da Pedagogia Histórico-Crítica (PHC), evidenciando como as contradições entre o saber técnico e o saber pedagógico se expressam na prática educativa e refletem as determinações históricas e ideológicas da EPT.

Quadro 1 – Eixos analíticos e síntese interpretativa das percepções discentes

Eixo analítico	Principais percepções discentes	Interpretação histórico-crítica
Docentes não licenciados	Aulas expositivas centradas em apostilas; ausência de didática; pouca interação; “o aprendizado depende do autodidatismo”.	Expressa o predomínio da racionalidade técnica e a ausência de mediação pedagógica; revela a alienação do trabalho docente e a reprodução da lógica instrumental.
Docentes licenciados	Práticas mediadoras; clareza nas explicações; uso de métodos interativos; disponibilidade para o diálogo.	Indica a presença de uma formação pedagógica que potencializa a mediação humanizadora e a construção da consciência crítica.
Tensões comuns a ambos os grupos	Desarticulação entre teoria e prática; dificuldades de aprendizagem; situações de desrespeito e preconceito.	Evidencia contradições estruturais da EPT e a coexistência entre práticas emancipatórias e reprodutoras, sob influência do contexto neoliberal.

Fonte: dados da pesquisa (2015; replicação 2025).

A leitura dialética das categorias apresentadas no Quadro 1 evidencia que as percepções discentes traduzem, de forma concreta, o movimento contraditório da prática docente na EPT, que se manifesta na coexistência entre duas racionalidades antagônicas: de um lado, a racionalidade técnica, que reduz o ensino à mera transmissão de conteúdos e à adaptação às demandas produtivistas; de outro, a racionalidade emancipadora, que compreende a docência como mediação entre o saber científico e a prática social, orientada pela formação humana integral.

As críticas dirigidas aos professores não licenciados revelam a predominância da primeira lógica, marcada pela ausência de mediações pedagógicas, pela ênfase na execução e pela subordinação da prática educativa às exigências do mercado. De outro modo, as experiências positivas com docentes licenciados sinalizam a presença de práticas mais dialógicas e intencionais, porém é preciso reconhecer que a obtenção de uma licenciatura, por si só, não garante a superação do tecnicismo nem assegura a efetivação de uma docência crítica. A formação inicial pode fornecer os fundamentos teóricos da mediação, mas é a práxis consciente, enraizada no compromisso ético e político do professor, que transforma o conhecimento em instrumento de emancipação.

Portanto, as falas dos estudantes não configuram meras opiniões sobre o desempenho docente, mas expressam, em sua concretude, a luta de projetos em disputa no campo educacional: a educação como adestramento técnico e funcional, vinculada à lógica neoliberal, e a educação como processo de emancipação e construção da consciência histórica. Essa tensão dialética constitui o núcleo interpretativo desta pesquisa, reafirmando que a docência emancipadora não é produto automático da formação formal, mas resultado da consciência crítica e da intencionalidade transformadora que orientam o trabalho educativo.

O cruzamento entre as narrativas discentes e os dados documentais sobre formação e titulação docente possibilitou compreender as condições objetivas que incidem sobre o fazer pedagógico na EPT. O foco analítico concentrou-se nas relações entre formação docente, saber pedagógico e mediação da prática social, categorias centrais da PHC e da psicologia histórico-cultural.

A interpretação manteve o nexo entre o empírico e o teórico, conforme orienta Saviani (2005), tomando a prática social como ponto de partida e de chegada do conhecimento. As percepções dos estudantes foram compreendidas não como opiniões isoladas, mas como expressões de um contexto institucional e político permeado por contradições históricas e estruturais da educação brasileira.

A pesquisa respeitou integralmente os princípios éticos das investigações em ciências humanas, garantindo o anonimato dos participantes e a não identificação da instituição, por compreender que tais informações não alterariam a natureza dos resultados. Importa ressaltar que a opção metodológica reafirma a coerência entre o referencial histórico-crítico e a práxis investigativa, concebendo a pesquisa não apenas como técnica de coleta de dados, mas como ato político de leitura e transformação da realidade. Assim, investigar a educação profissional sob a ótica histórico-crítica significa, conforme Costa e Coutinho (2018, p. 1646), “defender uma educação pública, politécnica e emancipadora”, capaz de romper com a lógica instrumental e reafirmar o papel social do conhecimento na formação dos trabalhadores e na consolidação da democracia educacional no Brasil.

4. O olhar discente e as contradições históricas da docência na EPT

Os grupos realizados com estudantes dos cursos técnicos integrados à Educação Profissional e Tecnológica (EPT), inicialmente em 2015 e replicados em 2024, revelaram percepções convergentes e persistentes sobre o fazer docente. O intervalo de quase uma década não produziu mudanças substantivas: permanecem as contradições entre domínio técnico e mediação pedagógica, evidenciando a reprodução de uma lógica educacional que privilegia a instrução em detrimento da formação integral. Tal constatação reafirma a atualidade das críticas formuladas pela Pedagogia Histórico-Crítica (PHC) e aponta a formação docente como dimensão estratégica da democratização da educação.

A análise das percepções discentes foi conduzida segundo o movimento dialético entre singular, particular e universal. No nível singular, as falas exprimem a experiência imediata com o ensino. Predominam críticas à ausência de didática, à limitação metodológica e à falta de diálogo, sobretudo entre docentes não licenciados, sintetizadas em enunciados como “o professor não dá aula, apenas manda ler na apostila” ou “as aulas práticas são insuficientes”. Em contraste, estudantes descrevem professores licenciados como “interativos”, “claros” e “disponíveis”, reconhecendo práticas de escuta e explicações sistemáticas. Essas manifestações, longe de opiniões isoladas, expressam tensões internas entre saber técnico e saber pedagógico.

No nível particular, tais tensões ganham sentido quando relacionadas às condições objetivas de formação e trabalho. A coexistência de docentes com e sem licenciatura é marca da própria estrutura histórica da EPT, frequentemente orientada para a qualificação técnica e menos para a formação pedagógica. A carência de programas contínuos de formação, a fragmentação curricular e, em alguns contextos, a precarização de vínculos reforçam práticas tecnicistas e pouco reflexivas. Como assinalam Costa e Coutinho (2018), a EPT segue “subordinada às forças do mercado”, o que desloca o sentido político da escola pública e esvazia o trabalho docente de sua dimensão formativa.

No nível universal, as percepções refletem contradições estruturais entre capital e trabalho que atravessam a escola. A cisão entre domínio técnico e mediação pedagógica deriva da divisão social do trabalho e da dualidade educacional que historicamente separou formação intelectual e manual (Frigotto; Ciavatta; Ramos, 2005). Essa fragmentação, denunciada por Saviani (2005) e Frigotto (2010b), reproduz-se no interior da EPT quando o ensino técnico é reduzido a treinamento, convertendo-se em instrumento de adaptação e controle social.

Nesse processo analítico, organizou-se as falas em três eixos: (1) docentes não licenciados, associados a críticas sobre ausência de didática, estratégias de ensino e interação pedagógica; (2) docentes licenciados, frequentemente reconhecidos por práticas mediadoras, clareza expositiva e disponibilidade para o diálogo; e (3) percepções transversais a ambos os grupos, que evidenciam tensões mais amplas do cotidiano escolar (desarticulação entre teoria e prática; necessidade de apoio a estudantes com dificuldades; episódios de desrespeito e preconceito). Esses elementos

reforçam que a docência não se limita ao domínio de conteúdo, mas envolve valores, atitudes e compromissos ético-políticos com a formação humana.

De modo geral, os discursos de 2015 e 2025 convergem para uma contradição persistente na EPT: competência técnica sólida convivendo com fragilidade pedagógica. As críticas dirigidas a professores não licenciados evidenciam a centralidade da formação didático-pedagógica para sustentar práticas coerentes com uma concepção histórico-crítica de ensino. À luz de Tardif (2004), o trabalho do professor requer a articulação entre saberes da formação, do currículo e da experiência; sua fragmentação produz um fazer pedagógico desprovido de reflexão crítica.

Essas percepções apontam um problema estrutural, não individual. Para Saviani (2005), a educação, enquanto prática social mediadora, realiza-se quando o docente domina conteúdo e mediações pedagógicas, convertendo o saber elaborado em conhecimento acessível e socialmente significativo. A ausência dessa mediação reproduz a separação entre teoria e prática, herança da dualidade educacional que marcou o ensino técnico no Brasil, frequentemente reduzindo o professor a executor de conteúdos e o estudante a aprendiz funcional (Costa; Coutinho, 2018).

Por outro lado, experiências mais dialógicas e mediadoras, aproximam-se da PHC e da pedagogia freireana, nas quais o professor é sujeito histórico e mediador consciente entre o saber científico e a prática social. Como lembra Freire (1996, p. 33), “ensinar exige compreender que a educação é um ato de amor e de coragem”, implicando compromisso ético, político e estético com o outro. Tais práticas, ainda que pontuais, indicam possibilidades concretas de uma docência orientada à emancipação humana e à transformação da realidade.

Importa sublinhar que a presença de práticas dialógicas, mediadoras ou humanizadoras, embora fundamentais para uma docência comprometida com a formação integral, não caracteriza, por si só, a apropriação da Pedagogia Histórico-Crítica. A PHC não se reduz a um conjunto de atitudes pedagógicas progressistas, tampouco se confunde com uma docência reflexiva genérica. Trata-se de uma teoria pedagógica sistematizada, fundada no materialismo histórico-dialético, que exige consciência teórica, intencionalidade política e compreensão da educação como prática social mediadora (Saviani, 2013; 2005).

Nesse sentido, a formação em cursos de licenciatura pode favorecer o desenvolvimento de mediações pedagógicas mais qualificadas, mas não garante automaticamente a adoção dos pressupostos da PHC, assim como a ausência de licenciatura não impede, em termos absolutos, a emergência de práticas humanizadoras. O que distingue a pedagogia histórico-crítica é a articulação consciente entre teoria e prática, orientada pela compreensão das contradições sociais e pelo compromisso com a superação da alienação e da dualidade educacional.

Os resultados permitem afirmar que a formação docente na EPT constitui uma questão política, e não apenas técnica. No marco dos 40 anos da redemocratização, repensar a docência implica retomar o projeto histórico de escola pública democrática, forjado nas lutas de educadores nos anos 1980 e 1990, contexto em que floresce a PHC como pedagogia contra-hegemônica. Ao situar o conhecimento como mediação da prática social, a PHC reafirma a docência como ato político de resistência frente à mercantilização do ensino e à desumanização do trabalho educativo.

Também se evidencia o peso das reformas neoliberais, intensificadas desde os anos 1990 e consolidadas pela Reforma do Ensino Médio (Lei n. 13.415/2017), na reatualização da dualidade educacional. Conforme Costa e Coutinho (2018, p. 1646), tais mudanças “retiram do Estado o compromisso com uma formação politécnica e integral, reforçando o notório saber e a substituição do professor pelo técnico”. Ao fragmentar o currículo e precarizar a função docente, essas políticas afastam a EPT do ideal de formação omnilateral.

Sob a ótica de Saviani (2005; 2013), Tardif (2004) e Vigotski (1999), práticas transformadoras exigem intencionalidade crítica e compromisso humanizador: cabe ao professor organizar condições para a apropriação crítica do saber e a construção da consciência social. Assim, a escola pública aparece como espaço de disputa entre dois projetos de sociedade: o capitalista, orientado ao ajustamento e à eficiência, e o emancipador, orientado à formação integral. A presença de docentes sem formação pedagógica reflete o predomínio do primeiro; as experiências baseadas na mediação e no diálogo encarnam a resistência do segundo.

Frente a essas considerações, enfatiza-se que a mediação pedagógica é o ponto de inflexão da contradição: ausente, o ensino reduz-se à instrução; presente, transforma-se em prática social mediadora entre o saber científico e a realidade concreta. A PHC oferece, portanto, um referencial teórico, ético e político para orientar a formação e o trabalho docente na EPT para além da lógica mercadológica. Como sustenta Saviani (2013, p. 97), a educação deve promover “a passagem do senso comum à consciência filosófica”, formando sujeitos capazes de compreender e transformar o mundo.

Ao evidenciar tanto avanços localizados quanto limites estruturais, a investigação contribui para compreender como a docência na EPT vem materializando, de modo desigual, o projeto de uma educação pública, crítica e emancipadora. Reafirma-se, assim, a urgência de políticas de formação docente que articulem trabalho, ciência, cultura e tecnologia como dimensões indissociáveis da formação humana integral e repolitizem a docência como prática social transformadora.

Considerações Finais

As evidências demonstram que a formação docente na Educação Profissional e Tecnológica (EPT) constitui um dos eixos centrais para a consolidação de uma educação pública, democrática e emancipadora. As percepções discentes revelam que a prática pedagógica ainda se encontra tensionada entre a competência técnica e a ausência de mediação didático-pedagógica, o que fragiliza a integração entre teoria e prática e limita a dimensão humanística do processo formativo.

Constatou-se que a formação acadêmica não licenciada está associada a maiores dificuldades na condução de práticas educativas críticas e dialógicas, embora o simples fato de possuir licenciatura não garanta, por si só, um ensino transformador. Torna-se necessário, portanto, ampliar políticas de formação pedagógica inicial e continuada, de modo que os professores da EPT possam compreender a complexidade do processo educativo e o papel político que desempenham na formação do trabalhador e do cidadão.

A análise, orientada pelo materialismo histórico-dialético, evidenciou que as percepções dos estudantes não se configuram como opiniões individuais, mas como expressões concretas das contradições estruturais da educação brasileira. Ao revelar o conflito entre saber técnico e saber pedagógico, o estudo aponta para a urgência de reconstruir o trabalho docente sob a perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica (PHC), que compreende a escola como mediação entre teoria e prática social e o professor como sujeito histórico, mediador e transformador.

Os achados também revelam que o avanço da racionalidade neoliberal nas políticas educacionais ameaça o projeto histórico de redemocratização da escola pública. Ao privilegiar a empregabilidade, a flexibilização e o desempenho individual, o neoliberalismo esvazia o sentido social da educação e desloca a docência para um fazer tecnicista. Reafirmar a PHC como horizonte ético e político da formação docente é, portanto, um ato de resistência, que recoloca o trabalho educativo como prática social voltada à emancipação humana e à construção de uma sociedade justa e democrática.

Embora existam experiências docentes que expressam os princípios da PHC, como o diálogo, a problematização e a intencionalidade formativa, a maioria das práticas observadas ainda se restringe à dimensão instrumental do ensino técnico. Repolitizar a formação docente é, assim, uma tarefa histórica e urgente: significa reconhecer o professor como intelectual orgânico da classe trabalhadora, responsável por socializar o conhecimento científico e filosófico e por fomentar a consciência crítica dos estudantes.

Dessa forma, este estudo, cujo objetivo foi analisar as percepções dos estudantes da EPT acerca das práticas didático-pedagógicas desenvolvidas pelos docentes, identificando em que medida dialogam com a Pedagogia Histórico-Crítica e com o ideal de formação humana integral — reafirma que a superação das contradições da educação profissional depende da articulação entre trabalho, ciência, tecnologia e cultura como fundamentos de uma formação omnilateral.

Ao revelar as vozes discentes como expressão do real contraditório, a pesquisa contribui para a reconstrução da escola pública como espaço de resistência e esperança, reafirmando o papel da docência na consolidação do projeto histórico de redemocratização da educação brasileira. Em consonância com os princípios da Pedagogia Histórico-Crítica, repolitizar a formação docente significa reafirmar o compromisso ético e político com uma educação pública, politécnica e socialmente referenciada, capaz de formar sujeitos críticos, criadores e conscientes de seu papel na transformação da realidade social.

Referências

- Clavatta, M. O ensino integrado, a politécnica e a educação omnilateral. por que lutamos? *Trabalho & Educação*, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 187–205, 2014.
- Costa, M. A.; Coutinho, E. H. L. Educação Profissional e a Reforma do Ensino Médio: Lei n. 13.415/2017. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 43, n. 4, p. 1633–1652, out./dez. 2018. DOI: 10.1590/2175-623676506.
- Dardot, P.; Laval, C. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.
- Duarte, N. Formação do indivíduo, consciência e alienação: o ser humano na psicologia de A. N. Leontiev. *Cad Cedes, Campinas*, v. 62, n. 24, p. 34-63, abr. 2004.
- Duarte, N. *Vigotski e o “aprender a aprender”*: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2011.
- Freire, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra. 1996.
- Frigotto, G. *A produtividade da escola improdutiva: um (re)exame das relações entre educação e estrutura econômico-social capitalista*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2017.
- Frigotto, G. *Educação e a crise do capitalismo real*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2010b.
- Frigotto, G. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In FAZENDA, Ivani (org.). *Metodologia da pesquisa educacional*. 12ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- Frigotto, G.; Clavatta, M.; Ramos, M. (org.). *Ensino médio integrado: concepção e contradições*. São Paulo: Cortez, 2005.
- Gauthier, C. et al. *Por uma teoria da pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente*. 2. ed. Ijuí. Editora Unijuí, 2006.
- Gentili, P. *A falsificação do consenso: simulacro e imposição na reforma educacional do neoliberalismo*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- Gomes, M. A. de. O.; De Paula, F. de. C. G.; Rodrigues, A. P. A.A reforma do Ensino Médio e a crise estrutural do capitalismo. *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, Editora PUCPRESS, v. 23, n. 79, p. 1585-1598, out./dez. 2023. DOI:https://doi.org/10.7213/1981-416X.23.079.AO14.
- Harvey, D. *O Neoliberalismo: história e implicações*. Tradução de Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2008.
- Kosik, K. *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- Ludke, Menga. Avaliação institucional: formação de docentes para o ensino fundamental e médio (as licenciaturas). Série: *Cadernos CRUB*, Brasília, DF, v. 1, n. 4, 1994.

MARX, K.; ENGELS, F. *Textos sobre Educação e Ensino*. São Paulo: Moraes, 1983.

MARX, K. *O capital*: resumo literal condensação dos livros 1, 2, 3. (Org.) BICALHO, Luiz Carvalho. Marília: Novos Rumos, 1983.

SACRISTÁN, G.; GÓMEZ, P. *Compreender para transformar o ensino*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SAVIANI, D. A pedagogia histórico-crítica, as lutas de classe e a educação escolar. *Germinal: marxismo e educação em debate*, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 25–46, 2013.

SAVIANI, D. *Pedagogia Histórico-Crítica*: primeiras aproximações. Campinas: Autores Associados, 2005.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

VIGOTSKI, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VYGOTSKI, L. S. Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores. Obras Escogidas III (p. 11-340). Madri: Visor/Ministerio de Educación y Ciencia, 1995.

Editor Responsável: Alboni Marisa Dudeque Pianovski Vieira

Recebido/Received: 11.10.2026 / 10.11.2026

Aprovado/Approved: 19.01.2026 / 01.19.2026